

Vir bonus peritissimus aeque.

**Estudos de homenagem
a
Arnaldo do Espírito Santo**

**Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto
(eds.)**

S.N. 5-8
26675
INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS
17.1.2014

Centro de Estudos Clássicos

LISBOA
2013

Título:

Vir bonus peritissimus aequae.
Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo

Edição de:

Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto

Revisão: Ana Matafome, Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

Publicado por:

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa - Portugal
Tel.: (351) 217 920 005
Fax: (351) 217 920 080
E-mail: centro.classicos@fl.ul.pt
Website: <http://www.fl.ul.pt/cec>

Paginação e impressão:

Grifos - Artes Gráficas, Lda.

Capa: Paulo Pereira

Foto de capa: José Furtado

Número de exemplares: 500

Lisboa | 2013

ISBN: 978-972-9376-29-0

Depósito Legal: 366077/13

O banho de Aquiles nas águas do Estige Reflexão breve sobre a origem e fortuna de um tema clássico

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra
luisanazare@hotmail.com

Na Salinha dos Cães do Palácio Nacional da Ajuda encontra-se exposta uma tapeçaria fabricada em Bruxelas no século XVIII que representa um episódio célebre da cultura clássica: uma mulher debruçada à beira de um rio, com a sua mão direita, segura pelo calcanhar uma criança muito pequena, cujo corpo foi quase inteiramente engolido pelas águas. Em segundo plano, três figuras femininas de olhar atento complementam a cena: à esquerda, com uma indumentária clara que destoa dos tons vermelhos, dourados e azuis das restantes figuras, uma mulher aguarda pelo fim do “banho”; a que está ao centro tem nas mãos o que parece ser uma peça (caixa ou vaso) em ouro e a da direita apoia os braços sobre uma vasilha com água que escorre para o rio. O colorido azul destas águas aproxima-se do das vestes destas duas mulheres e confunde-se com a tonalidade que predomina no fundo de paisagem, estabelecendo-se um contraste forte com os tons vermelhos e dourados da figura feminina principal. Esta é, como sabemos, a filha de Nereu, a deusa marinha Tétis, e a criança é o futuro herói de Tróia, Aquiles. As águas, que saem de um túnel sombrio, apesar de parecerem límpidas, são as do Estige, o rio infernal, e a imersão de Aquiles nestas águas gélidas constitui certamente o ritual mais conhecido dos vários a que Tétis submete o filho na tentativa de o tornar imortal¹.

A tapeçaria do Palácio Nacional da Ajuda pertence à série *História de Aquiles*, realizada na oficina de Jan-Frans van der Borghht entre 1726 e 1761, a partir de cartões atribuídos a Jan van Orley (1665-1735) e Augustin Coppens (1668-1740), da qual existem no mesmo palácio mais cinco panos². Quanto é do nosso conhecimento, é o único

¹ Embora seja talvez mais adequado chamar a este processo “mergulho” ou “imersão”, preferimos usar o termo “banho”.

² A tapeçaria “Tétis mergulha Aquiles nas águas do Estige”, realizada com lã e seda, mede 319 cm (altura) por 141 cm (largura) e tem o n.º de inv. 500. Vide <http://www.matriznet.ipmuseus.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=990994> [acesso 13/09/2012]. Das restantes cinco tapeçarias, duas

testemunho da representação deste episódio da infância de Aquiles nas colecções de tapeçaria que existem actualmente em Portugal. De facto, da série que se encontra no Paço Ducal de Vila Viçosa, que constitui a *editio princeps* da famosa *História de Aquiles* realizada em meados do século XVII em Bruxelas, no ateliê de Daniel Eggermans, a partir de cartões concebidos por Peter Paul Rubens por volta de 1630-1635, originalmente com oito peças, já não consta a tapeçaria que representava o banho no Estige. Mas no Paço Ducal podemos ainda apreciar a figuração de um outro conhecido episódio que se relaciona directamente com este: o da morte de Aquiles, atingido no pé por uma flecha desferida pelo príncipe troiano Páris/Alexandre, com a ajuda do deus Apolo, tema que só em parte remonta à epopeia homérica (cf. Burgess, 1995)³. Os dois episódios integravam habitualmente as várias séries de tapeçarias sobre a *História de Aquiles* fabricadas na Flandres e em França e tiveram ambos larga fortuna na literatura e arte europeias.

Aquiles é uma figura homérica extremamente complexa, paradigma da excelência nas armas, na eloquência e na liderança, e um dos aspectos que dá sentido à actuação valorosa na *Iliada* é a consciência da sua própria mortalidade (9.410-416, 21.110-113, 24.539-540). À semelhança de outros heróis gregos, teve uma infância e juventude singulares, cujos episódios mais célebres são o banho nas águas do Estige, a educação junto de Quíron, o centauro sábio, e a permanência na corte do rei Licomedes, em Ciro, disfarçado de donzela. Estes temas, porém, que se tornaram tão conhecidos no domínio das artes, têm pouco eco nos Poemas Homéricos.

Em homenagem ao Professor Doutor Arnaldo do Espírito Santo, propomo-nos examinar nestas páginas as principais fontes mitológicas e literárias sobre a infância de Aquiles, em particular no que respeita ao episódio do banho do pequeno herói nas águas do Estige. Tal como começámos, na parte final desta análise faremos uma apreciação muito geral acerca da recepção deste tema no domínio das artes.

Os Poemas Homéricos não recordam as circunstâncias da concepção e do nascimento de Aquiles, mas estabelecem para a posteridade a identidade dos seus pais. O maior herói da guerra de Tróia é filho da nereide Tétis e de Peleu⁴, rei dos Mirmidões que habitam na Ftia, na região da Tessália (*Il.* 2.681-685). Por conseguinte, Aquiles descende de Zeus pelo lado do pai, que é filho de Éaco, e torna-se na figura mais importante da linhagem Eácida, um motivo que Píndaro há-de explorar com alguma frequência nas odes que compôs para atletas naturais da ilha de Egina, uma vez que os seus habitantes se consideravam descendentes de Éaco.

Segundo um mito evocado nos versos do lírico de Tebas e de outros poetas⁵, quando Témis anunciou que o filho que nascesse da filha de Nereu teria mais força do que o seu pai, os seus pretendentes, Zeus e Poséidon, deixaram de a cortejar, e o

são entre-janelas e as outras três tratam os seguintes episódios da história de Aquiles: o seu disfarce como donzela, na corte do rei Licomedes, descoberto por Ulisses (inv. 498), o rapto de Helena de Esparta (inv. 499) e o arrastar do cadáver de Heitor pelo herói, que desta forma bárbara procurou vingar a morte de Pátroclo (inv. 501). Vide MARIA MANUELA SANTANA, *Tapeçarias da Casa Real Portuguesa em Setecentos. A colecção do Palácio Nacional da Ajuda* (dissertação de mestrado), Lisboa, Faculdade de Letras, 2005, pp. 113-116 e XXI-XXIX.

³ Vide MARIA DE JESUS MONGE, *Paço Ducal de Vila Viçosa. Roteiro*, Caxias, Fundação Casa de Bragança, 2010, p. 85.

⁴ Vide e.g. *Il.* 1.357-358, 18.35-38, 24.83-86 (Tétis); *Il.* 1.1, 24.534-542 (Peleu). Sobre a filiação de Tétis, a união com Peleu e a concepção de Aquiles, cf. Hes. *Th.* 1003-1007.

⁵ Cf. Pind. *Isth.* 8.26-48; Aesch. *PV* 757-770, 907-927; Apoll. Rhod. 4.800-810, Apollodor. *Bibl.* 3.13.5, Ov. *Met.* 11.217-265.

Olimpo celebrou festivamente as suas bodas com Peleu, embora tal decisão não fosse do agrado de Tétis (cf. *Il.* 18.432-434). Para a festa de casamento não foi convidada Éris, a Discórdia, que acabaria por aparecer e lançar o concurso da maçã de ouro oferecida à deusa mais bela. Como é sabido, se a resistência da nereide aos avanços amorosos de Peleu e as suas bodas inspiraram muitas vezes os pintores de vasos áticos dos séculos VI e V a.C., o julgamento de Páris viria a tornar-se num dos temas clássicos mais tratados na arte ocidental.

As versões sobre os primeiros meses de vida de Aquiles divergem, mas todas terminam com o fim da relação entre Tétis e Peleu. Na tradição mais antiga, que foi preservada em Apolónio de Rodes (*Argonautica* 4.866-881) e Apolodoro (*Bibliotheca* 3.13.6), para tornar Aquiles imortal e afastar dele a velhice, Tétis passava-o pelo fogo de noite e untava-o com ambrósia de dia. Este procedimento, decalcado provavelmente do mito de Deméter e Demofonte transmitido pelo *II Hino Homérico* (vv. 231-262), envolve dois ritos: o acto de esconder a criança no meio do fogo e a unção⁶. Quando foi surpreendida por Peleu, que ficou horrorizado ao ver o filho a gemer no meio das chamas, e por não conseguir cumprir os seus intentos, Tétis abandona o filho pequeno que é, então, entregue pelo pai aos cuidados do centauro Quíron.

De acordo com outra versão transmitida por escoliastas, que pode remontar ao poema perdido *Aegimios*, atribuído a Hesíodo, Tétis costumava mergulhar os filhos em água a ferver para eliminar a sua mortalidade (ou para saber se eram mortais) e o último, Aquiles, foi salvo graças à intervenção de Peleu⁷. Esta versão evoca outros mitos gregos que envolvem o mergulhar de um ser humano (criança ou adulto) num caldeirão que é levado ao lume, com intenções malévolas ou benévolas, dos quais podíamos citar os casos célebres de Pélops, esquartejado pelo pai e dado a comer num banquete oferecido aos deuses (*Pind. Ol.* 1.46-66), e Pélias, vítima das próprias filhas enganadas por Medeia (*Eur. Med.* 9-10)⁸.

Quanto é possível saber, o autor latino Estácio, que viveu no século I da nossa era, no poema épico *Aquileida* (*Achilleis*), que não chegou a concluir, é o primeiro a evocar, ainda que brevemente, a versão segundo a qual Tétis mergulhou Aquiles nas águas do Estige na tentativa de o tornar imortal, embora não tenha conseguido proteger completamente o filho (*Stat. Achil.* 1.133-134, 269-270, 480-481). De facto, Aquiles ficará para sempre com um dos calcanhares vulnerável, dado que foi essa a parte do corpo pela qual a mãe o segurou. A este pormenor alude a fábula 107 de Higino, sem se estabelecer qualquer relação com um banho no Estige, no momento em que se recorda que Aquiles foi atingido no calcanhar por uma flecha desferida por Apolo disfarçado de Páris (*Apollo iratus Alexandrum Parin se simulans talum, quem mortalem habuisse dicitur, sagitta percussit et occidit*). Essa relação, porém, figura no comentário de Sérvio

⁶ O *Hino Homérico a Deméter* terá sido composto no final do século VII a.C. ou na primeira metade do século VI a.C. Cf. R. JANKO, *Homer, Hesiod and the Hymns*, Cambridge, University Press, 1982, pp. 181-183; M. L. WEST, *Homeric Hymns. Homeric Apocrypha. Lives of Homer*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2003, p. 9. Para uma análise do passo referido, vide N. J. RICHARDSON (ed.), *The Homeric Hymn to Demeter*, Oxford, Clarendon Press, 1974, pp. 231-234; H. P. FOLEY (ed.), *The Homeric Hymn to Demeter*, Princeton, University Press, 1994, pp. 48-51, esp. Sobre o ritual de imortalização pelo fogo e práticas afins, com vista à protecção de recém-nascidos, vide FRAZER, 1921, II pp. 311-317, HALM-TISSERANT, 1993, pp. 49-87.

⁷ Hes. fr. 300 M-W (= schol. Apoll. Rhod. 4.816); cf. schol. *Il.*16.37, Tzetzes *ad Lycophron* 178.

⁸ HALM-TISSERANT, 1993, pp. 73-74, não exclui a hipótese de esta versão ter tido origem nestes e noutros mitos, cujo tema central é o festim antropofágico (e.g. Atreu e Tiestes, Procne e Tereu).

ao poema épico de Virgílio (*ad Aen.* 6.57: *Achilles, a matre tinctus in Stygem paludem, toto corpore invulnerabilis fuit, excepta parte qua tentus est*)⁹.

A invulnerabilidade parcial ou a existência de um ponto fraco é um motivo frequente na caracterização de heróis (antigos e modernos, cf. Burgess, 1995, pp. 218-219), que tem inspirado diversas criações literárias e artísticas. Na *Iliada*, porém, como foi dito acima, Aquiles tem consciência da sua condição mortal e conhecimento de que perecerá às mãos de Páris e do deus Apolo (19.416-417, 22.358-360)¹⁰, mas também não se faz referência à suposta vulnerabilidade de uma parte do seu corpo decorrente de um procedimento realizado à nascença pela sua mãe. Se, como tem sido sugerido, o banho de Aquiles nas águas do Estige pode ter como paralelo real alguns rituais praticados no mundo grego (e noutros povos), em que a criança era mergulhada em vinho ou noutro líquido para ficar protegida, cremos que esta versão dá relevo aos esforços de Tétis em procurar resgatar o seu filho de um destino comum miserável ou de uma morte precoce, ainda que honrosa. Neste sentido, é legítimo afirmar que, embora o tema não seja homérico, é o que vai mais ao encontro da caracterização que a *Iliada* nos apresenta da figura de Tétis, pois a sua preocupação em salvar o filho da morte em Tróia constitui um dos temas estruturais do poema épico. Talvez por essa razão, em contextos de sofrimento, a filha de Nereu chega a dizer que foi ela quem criou Aquiles (e.g. 18.51-60), o que contradiz de certo modo o que se afirma noutros passos do poema, que concede o papel de educador a Fénix (9.438-443, 485-495) e apenas alude brevemente à formação do herói junto de Quíron, quando se observa que foi o sábio centauro quem lhe ensinou a arte de aplicar curativos (11.830-832).

Não deixa de ser curioso que a *Iliada*, a obra mais importante sobre a figura de Aquiles, não conheça ou desenvolva os dois episódios mais populares da sua infância, o que está longe de ser uma situação invulgar. No entanto, não sendo homérico, o mito da educação do herói por Quíron era antigo, segundo observa Píndaro num passo central da *Nemeia III* (vv. 52-53). Composta em homenagem a um jovem atleta natural da ilha de Egina, vencedor na prova do pancrácio, esta ode oferece-nos um dos tratamentos literários mais interessantes sobre a intervenção do centauro na infância de Aquiles (vv. 43-63):

estrofe 3

- 43 O loiro Aquiles, enquanto vivia na casa de Filira,
já em criança brincava às grandes façanhas. Muitas vezes, com as mãos
45 brandindo o dardo de lâmina curta, tal os ventos,
no combate aos leões selvagens causava a morte
e abatia javalis. Até junto do Centauro,
o Crónida, levava os corpos agonizantes,
a primeira vez aos seis anos, daí em diante a todo o momento.
50 Com ele se maravilhava Ártemis e também a audaz Atena,

antístrofe 3

quando matava veados sem cães nem enganosas redes,
pois com seus pés os dominava. Foi contada pelos antigos
esta lenda: o profundamente sábio Quíron educou na sua rochosa
morada Jasão, a seguir Asclépio,

⁹ Para um exame das diferentes versões mitológicas sobre a actuação de Tétis para com o recém-nascido Aquiles, vide BURGESS, 1995, pp. 219-224.

¹⁰ Sobre as várias versões da morte de Aquiles, vide a resenha elaborada por C. O. PAVESE, "Elegia di Simonide agli Spartiati per Platea", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 107, 1995, p. 10. Para um exame do tratamento deste tema na literatura e artes clássicas, vide BURGESS, 1995, pp. 224-240.

- 55 a quem ensinou o uso delicado das drogas.
 Mais tarde também tornou noiva a filha
 de Nereu de seios esplêndidos, e criou o valentíssimo
 filho, engrandecendo o seu espírito com todas as coisas apropriadas,
- epodo 3
- 60 para que, conduzido pelos sopros dos ventos marinhos
 ao sopé de Tróia, suportasse o embate ressoante
 das lanças de Lícios, de Frígios
 e de Dárdanos e, ao pôr as mãos
 nos Etiopes portadores de dardos, determinasse
 que não voltaria de novo a casa o chefe deles, Mémnon,
 o valente primo de Heleno.

Píndaro começa por referir Quíron indirectamente, pela menção da mãe (cf. Hes. *Th.* 1001-1002). Na verdade, o centauro não vivia sozinho, mas tinha uma família: além da mãe, uma esposa dedicada chamada Cariclo (Apoll. *Rhod.* 1.553-558 e schol. v. 554) e filhos. Portanto, Aquiles cresce num verdadeiro lar e o poeta de Tebas descreve, com minúcia, o desenvolvimento das suas capacidades físicas, exibidas na corrida e na caça, resumindo a instrução dada por Quíron nas seguintes palavras: “e criou o valentíssimo filho, engrandecendo o seu espírito com todas as coisas apropriadas” (vv. 57-58). Entre esses ensinamentos figuravam a arte de aplicar curativos, mencionada na *Iliada*, como foi dito acima, e a formação musical, que é evocada sobretudo nas fontes mais tardias (e.g. Philostr, *Imag.* 2.2)¹¹.

Píndaro observa, como dissemos, que a instrução de Aquiles pelo sábio centauro era um tema antigo e, de facto, parece ter sido tratado no *Catálogo das mulheres* (fr. 204.87-88 M-W) e talvez também em *Os preceitos de Quíron*, obras que foram atribuídas a Hesíodo, mas não se preservaram. O tema é retomado no primeiro livro da *Aquileida* de Estácio, no qual o poeta latino evoca o episódio em que Tétis vai à gruta de Quíron buscar Aquiles para o esconder, de modo a evitar que o filho participe na guerra de Tróia¹².

A história da sua permanência na corte do rei Licomedes, em Ciro, é também estranha à tradição homérica, uma vez que segundo a *Iliada* o herói cresceu na Ftia na companhia de Pátroclo. De acordo com um escólio do poema homérico, o episódio teria sido tratado nos *Poemas Cíprios*, compostos possivelmente na segunda metade do século VI a.C.¹³, tornou-se célebre na Época Clássica graças à pintura de Polignoto (Paus. 1.22.6) e parece ter sido tratado pelos trágicos (e.g. Eurípides, *Skyrioi*, fr. 682-686¹⁴). No século IV a.C. foi pintado por Aténion de Maroneia (Plin. *Nat.* 35.134) e,

¹¹ Uma leitura do passo citado da *Nemeia III* de Píndaro foi apresentada no estudo que fizemos para a obra *Ensaio sobre Píndaro*, organizada por Frederico Lourenço (Lisboa, Cotovia, 2006, pp. 131-147), onde foi publicada a tradução integral da ode de vitória.

¹² Para um exame do tema de Quíron como preceptor de heróis, vide MATHÉ, 1995. PAVLOVSKIS, 1965, analisa a recepção do tema da educação de Aquiles na Antiguidade tardia. Vide ainda LIZCANO REJANO, 2003, que se centra no tratamento do tema em Filóstrato, *Imagines* 2.2.

¹³ Schol. (D) *Il.* 19.326 = *Cypria*, fr. 19, in M. L. WEST, *Greek Epic Fragments from the Seventh to the Fifth Centuries BC*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2003, pp. 96-99. Sobre a datação dos *Poemas Cíprios*, cf. p. 13.

¹⁴ Vide R. KANNICHT (ed.), *Tragicorum Graecorum Fragmenta (TrGF)*, vol. 5.2: Eurípides, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2004, pp. 665-670.

mais tarde, foi representado em murais e mosaicos romanos¹⁵. A influência na arte ocidental deve-se muito provavelmente aos autores latinos, que evocaram ou trataram o tema com algum desenvolvimento, designadamente Ovídio (*Met.* 13.162-170), Estácio (*Achil.* 1.207 sqq.), Apolodoro (3.13.8) e Higino (*Fab.* 96).

A história, que podemos resumir em poucas linhas, dá relevo à vocação militar do herói e baseia-se, como o tema do banho no Estige, nos esforços de uma mãe para resgatar o filho de um destino fatal precoce. De facto, para evitar que morresse em Tróia, quando fez nove anos, Tétis envia Aquiles para a corte de Licomedes, em Ciro, onde ele cresce, no meio das filhas do rei, disfarçado de rapariga e sob o nome de Pirra (em alusão ao cabelo ruivo, *pyrrhos*). Um dia, Licomedes recebe uma delegação de chefes gregos que traziam a incumbência de encontrar Aquiles, uma vez que uma profecia revelara que Tróia apenas podia ser conquistada com a ajuda do filho de Tétis. O disfarce do herói é descoberto graças a um estratagema do astuto Ulisses, pois quando este ofereceu às donzelas um conjunto de magníficos presentes, sob os quais se encontravam algumas armas, estas imediatamente atraíram a atenção de Aquiles. É este momento da história, o da revelação do herói, que surge mais tratado na arte ocidental.

À semelhança do que sucedeu no domínio literário, no que respeita à representação iconográfica do banho do pequeno Aquiles nas águas do Estige e da sua educação junto de Quíron, verifica-se que o primeiro tema apenas surge atestado num escasso número de achados da Época Romana, enquanto o segundo, informa Pausânias (3.18.12), estava gravado no trono do templo de Apolo da cidade de Amiclas, cuja data de construção se situa nas últimas décadas do século VI a.C. (cf. Pollitt, 1990, p. 23). Conheceu também grande popularidade na decoração de vasos áticos de figuras negras e vermelhas, sobretudo entre 550 e 450 a.C., tendo depois praticamente desaparecido da arte grega. Nas cenas de pintura ática é comum a presença de Peleu a entregar ou a receber um Aquiles pequenino ou jovem já formado, perante um centauro que enverga um manto e não tem propriamente o aspecto de um ser selvagem, embora o seu caduceu seja um ramo e metade do corpo não tenha formas humanas. Os artistas acentuam a ligação ao mundo natural com a representação de pequenas árvores, ou vegetação, e de animais que vivem normalmente na floresta, sugerindo que a formação ministrada pelo centauro Quíron decorre ao ar livre, em contacto com a natureza. Da Época Romana chegou-nos, por exemplo, o fresco de Herculano que se preserva actualmente no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (inv. 9109)¹⁶, que tem a particularidade de mostrar o centauro a ensinar o jovem Aquiles a executar a lira, tema que tem pouca representação nas fontes mais antigas, como já foi dito.

No que respeita à iconografia antiga do banho de Aquiles nas águas do Estige, Anneliese Kossatz-Deissmann, no extenso catálogo que elaborou em 1981 para o *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, identifica seis relevos em pedra, três relevos em metal, duas obras em terracota (um vaso e uma placa), dois mosaicos e gemas¹⁷.

¹⁵ POLLITT, 1990, p. 174, n. 59, observa que a pintura de Aténion pode ter influenciado a composição do fresco da Casa dos Dioscuros de Pompeios, preservado hoje no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (inv. 9110), que representa o momento em que Aquiles, no meio das filhas de Licomedes, é identificado por Ulisses.

¹⁶ Vide LIMC I, s.v. Achilleus I, n.º 51.

¹⁷ LIMC I, s.v. Achilleus I, n.º 5-18. Registe-se que a autenticidade do anel de ouro identificado como helenístico (Achilleus I, n.º 12), que se preserva no County Museum of Art de Los Angeles (inv. 61.48.2), foi rejeitada pelo próprio museu.

Deste conjunto de monumentos da Época Romana, alguns de autenticidade duvidosa, destacamos três peças:

- um relevo (pilastra) galo-romano proveniente do templo de Champliou (Picardie), que se preserva no Musée d'Art et d'Archéologie Antoine Vivenel de Compiègne, ainda que fragmentado, exhibe o pormenor singular de o pequeno Aquiles voltar a cabeça para a mãe enquanto esta o segura¹⁸;
- nos baixos-relevos alusivos à vida de Aquiles, que constituem o chamado “Mármore Puteal”, datado do século IV d.C. e com 1,03 m de diâmetro, hoje nos Museus Capitolinos de Roma, Tétis mergulha Aquiles nas águas do Estige na presença de uma figura feminina com o busto descoberto, reclinada e encostada a uma vasilha cujas águas escorrem para o rio¹⁹; trata-se da representação iconográfica mais convencional da deusa Estige na arte clássica (cf. Giudice, 1994) e, de algum modo, essa imagem chegou à Idade Moderna, pois uma das figuras femininas da tapeçaria do Palácio Nacional da Ajuda, que evocámos na introdução a este estudo, pode ser identificada com essa divindade;
- numa travessa em prata com 53 cm de diâmetro, pertencente ao chamado Tesouro de Kaiseraugst, datado de c. 350 d.C., actualmente conservado no Augusta Raurica Museum, em Augst, na Suíça, gravada com episódios da vida de Aquiles, a imersão do herói nas águas do Estige ocorre na presença de três figuras femininas, sendo que duas são representações alegóricas das águas infernais (peito descoberto, corpo reclinado e encostado a vasilhas que derramam o conteúdo para o rio), enquanto a terceira, com uma toalha nas mãos, aguarda pelo fim do banho²⁰.

Estes três exemplos sugerem que na composição desta cena era recorrente a evocação do Estige sob a forma de uma figura feminina reclinada e encostada a uma vasilha cujas águas constituem o próprio rio infernal. Atente-se também na presença de outras figuras femininas, como aquela que, com um tecido nas mãos, aguarda pelo fim do banho. Isto significa que os motivos iconográficos que compõem a tapeçaria do Palácio Nacional da Ajuda remontam provavelmente à arte clássica, ainda que apenas estejam atestados em peças da Época Romana e Antiguidade Tardia.

A consulta do guia compilado por Jane Davidson Reid, *The Oxford Guide to Classical Mythology in the Arts* (1993), que se centra nas obras produzidas entre 1300 e 1990, dá-nos uma pequena ideia da popularidade das temáticas relacionadas com a história de Aquiles no domínio das artes. Dada a sua extensão, a entrada dedicada ao herói foi subdividida em “lista geral”, “infância e educação”, “Aquiles em Ciro”, “a ira de Aquiles”, “regresso à batalha”, “morte de Aquiles” e “vida no Além”. No que respeita à infância e educação do filho de Tétis e Peleu, registam-se cinquenta e cinco entradas, com trabalhos de poesia, escultura, artes visuais, tapeçaria e música (ópera), sendo evidente o predomínio da pintura. Dos títulos depreende-se imediatamente que a arte

¹⁸ LIMC I, s.v. Achilleus I, n.º 5; disponível em <http://www.mairie-compiegne.fr/musees/vivenel/page-Libre00010139.html> [acesso em 25/10/2012].

¹⁹ LIMC I, s.v. Achilleus I, n.º 10. O monumento é reproduzido em G. A. S. SNYDER, “The So-Called Puteal in the Capitoline Museum at Rome”, *The Journal of Roman Studies*, 13, 1923, pp. 56-68, plate I.

²⁰ LIMC I, s.v. Achilleus I, n.º 11. Um esquema das cenas gravadas na travessa foi publicado em CAMERON, 1999, p. 6, fig. 1.

ocidental retomou os mesmos episódios que vinham da tradição clássica, dando relevo aos ensinamentos do centauro Quíron, enquanto o banho nas águas do Estige é a versão que mais interesse suscitou, no que respeita às práticas a que a nereide recorre para tornar o seu filho imortal. A divulgação na arte do Ocidente deste célebre episódio da infância do herói de Tróia deve-se possivelmente à *Aquileida* de Estácio, que foi muito lida na Idade Média como nos séculos seguintes, sendo que a primeira edição impressa surge no último quartel do século XV²¹.

A preocupação das mães, divinas e mortais, com os seus filhos é um tema muito presente no mito grego, que pode reflectir os cuidados e inquietação com a sobrevivência de recém-nascidos. A actuação de Tétis, que difere consoante as versões, aproxima-se do modo como Deméter reage ao rapto da sua pequena Perséfone – que busca infinitamente até que desespera –, como se dedica com zelo ao príncipe de Elêusis, e lembra também o empenho de Medeia em tornar os filhos imortais. Nestes relatos míticos, o procedimento, realizado em segredo, é descoberto em flagrante (por um progenitor da criança), não se concretiza na perfeição e as crianças podem inclusive perder a vida. Numa tentativa de interpretação, cremos que o mito pretende sugerir a impossibilidade de conferir a um ser humano a centelha da imortalidade, mesmo quando a mãe é uma deusa e o seu filho o mais insigne dos heróis gregos. O mito mostra, como é evidente, que a imortalidade do ser humano tem de ser alcançada por uma outra via e é essa dedicação singular que dá sentido à vida.

Em resumo, o amor e a angústia de uma mãe perante o destino do seu filho constituem a essência de um tema que, como procurámos mostrar, despertou ao longo dos tempos o interesse de muitos escritores e artistas. Dos vários tratamentos literários que o tema de Aquiles inspirou escolhemos, para encerrar esta pequena homenagem, o comovente poema “Deslealdade”, de Kavafis, que toma como mote um passo da *República* de Platão, na versão portuguesa de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis²²:

DESLEALDADE

Ora nós, que elogiamos muita coisa em Homero, não louvaremos uma [...] Nem Ésquilo, quando faz dizer a Tétis que Apolo, ao cantar nos seus esponsais, exaltara a sua bela progénie,

*de vida isenta de doenças e de longa duração.
Depois que anunciou que de tudo, no meu destino,
cuidariam os deuses,
entoou o péan, para minha alegria.
Julgava eu que era sem dolo, de Febo
a boca imortal, plena da arte dos oráculos.
E ele, o mesmo que cantou este hino, [...] [...] ele mesmo é o que matou,
esse filho que é meu.*

Platão, *República II* (383a-b)

²¹ Cf. MÉHEUST, 1971, XXXVIII-XXXIX, XLVIII. Sobre a recepção do tema de Aquiles na literatura e arte pós-clássicas, vide ainda BELTRÁN NOGUER, 1984.

²² Citamos a epígrafe e o poema a partir da edição Konstandinos Kavafis, *Poemas e Prosas*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994, pp. 86-89.

Quando casavam Tétis com Peleu
levantou-se Apolo no esplêndido festim
do casamento, e falou da ventura dos recém-casados
com o rebento que sairia da sua união.
Disse; A este nunca lhe tocará doença
e terá vida longínqua. – Quando disse isto,
Tétis alegrou-se muito, pois as palavras
de Apolo que conhecia de profecias
lhe pareceram garantia para o seu filho.

E enquanto Aquiles crescia, e era
a sua beleza alarde da Tessália,
Tétis lembrava-se da palavra do deus.
Mas um dia chegaram velhos com notícias,
e disseram a chacina de Aquiles em Tróia.
E Tétis rasgava a sua roupa púrpura,
e arrancava de cima de si e atirava
ao chão as pulseiras e os anéis.
E por entre seus prantos lembrou-se do passado;
e perguntou que fazia o sábio Apolo
por onde andava o poeta que nos festins
maravilhosamente fala, por onde andava o profeta
quando matavam o seu filho na flor da vida.
E responderam-lhe os velhos que Apolo
ele próprio desceu a Tróia
e com os troianos matou Aquiles.

BIBLIOGRAFIA

Edições, comentários e traduções

- BORIAUD, Jean-Yves, *Hygin. Fables*, Paris, Belles Lettres, 1997.
FRAZER, James George, *Apollodorus. The Library*, 2 vols, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1921.
MÉHEUST, Jean, *Stace. Achilléide*, Paris, Belles Lettres, 1971.
MERKELBACH, R. et M. L. West, *Fragmenta Hesiodica*. Oxford, Clarendon Press, 1967. [M-W]
ROSE, H. I., *Hygini Fabulae*, Lugduni Batavorum, A.W. Sythoff, 1963.
VIAN, Francis et Émile Delage, *Apollonios de Rodes. Argonautiques*, Tome I, Chants I-II, Paris, Les Belles Lettres, 1974.
_____, *Apollonios de Rodes. Argonautiques*, Tome III, Chant IV, Paris, Les Belles Lettres, 1981.

Estudos

- BELTRÁN NOGUER, M.ª Teresa, “El mito de Aquiles en el arte”, *Anales de la Universidad de Murcia. Letras*, 42: 1-2, 1984, pp. 97-114. Disponível em: <http://digitum.um.es/xmlui/handle/10201/12854> [acesso em 5/11/2012].
_____, “El mito de Aquiles en la literatura pos-clásica”, *Anales de la Universidad de Murcia. Letras*, 42: 1-2, 1984, pp. 77-96. Disponível em: <http://digitum.um.es/xmlui/handle/10201/12855> [acesso em 5/11/2012].
BURGESS, Jonathan, “Achilles’ Heel: The Death of Achilles in Ancient Myth”, *Classical Antiquity*, 14: 2, 1995, pp. 217-244.

- CAMERON, Alan, "Young Achilles in the Roman World", *Journal of Roman Studies*, 99, 1999, pp. 1-22.
- GIUDICE, Filippo, *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*, vol. VII, Zürich und München, Artemis Verlag, 1994, s.v. Styx.
- HALM-TISSERANT, Monique, *Cannibalisme et immortalité. L'enfant dans le chaudron en Grèce ancienne*, Paris, Les Belles Lettres, 1993.
- KOSSATZ-DEISSMANN, Anneliese, *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*, vol. I, München, Artemis Verlag, 1981, s.v. Achilleus I.
- LIZCANO REJANO, Susana M., "La educación de Aquiles: Estructura compositiva y modelo educativo de una *ekphrasis* del siglo II d.C.", *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios griegos e indoeuropeos*, 13, 2003, pp. 195-211.
- MATHÉ, Suzanne, "Les enfances chez Chiron", in Danièle Auger (ed.), *Enfants et enfances dans les mythologies*, Paris, Les Belles Lettres, 1995, pp. 45-62.
- PAVLOVSKIS, Zoja, "The Education of Achilles, as Treated in the Literature of late Antiquity", *La Parola del Passato*, 20, 1965, pp. 281-297.
- POLLITT, J. J., *The Art of Ancient Greece: Sources and Documents*, Cambridge, University Press, 1990.
- REID, Jane D., *The Oxford Guide to Classical Mythology in the Arts, 1300-1990s*, vol. I, New York-London, Oxford University Press, 1993, s.v. Achilles.